



Índios potiguarês e suas identidades

Os estudiosos, pesquisadores, curiosos e todos os cidadãos potiguarês terão uma oportunidade singular, nesta quarta-feira, dia 15, quando o Grupo de Estudos da Questão Indígena do RN (Paraupeba) estará dirigindo os trabalhos de uma audiência pública, realizada a partir das 9h, no Plenarinho da Assembleia Legislativa, tendo como tema central "Comunidades Indígenas do RN: afirmação de suas identidades".

De acordo com a professora Jussara Galhardo Aguiar Guerra, pesquisadora do Museu Câmara Cascudo e do Departamento de Antropologia da UFRN, o evento será de grande importância para a história indígena do RN, bem como para a afirmação crítica dos grupos de origem indígena do Estado que, por séculos, vêm sendo considerados "extintos", "desaparecidos", excluídos da história, relegados ao esquecimento.

"Esse será um momento importante para a história desses grupos, que terão a oportunidade de falar de seus problemas, suas demandas e de seu lugar como ator histórico e político no panorama estadual e nacional", diz Jussara Galhardo, que é mestrande de Antropologia Cultural da UFPE. "As comunidades presentes no Plenarinho da Assembleia Legislati-



FOTOS: DIVULGAÇÃO

va far a leitura e entrega de um abaixo assinado às autoridades que compõem a mesa de debate e aos demais participantes, requerendo o seu reconhecimento como grupo indígena do estado potiguarês".

A audiência pública será coordenada pelo deputado estadual Fernando Mineiro, e contará com a participação de autoridades governamentais e não-governamentais, através da Funar, Impe, MPP, Codem/Sejuc, Apoinme, UFRN (Reitoria e Museu Câmara Cascudo) Grupo Pa-

raupabal, ABEA, e representantes das comunidades indígenas do RN, que estão discutindo o tema. Os debates abordarão essas questões em conjunto com as demais organizações, autoridades presentes e com o público interessado, em geral.

A herança dos indígenas que compunham as mais diversas tribos e nações e os ritos grandiosos pode ser verificada entre nós naquela que se pode denominar "genologia das ruas", ou seja, no minista que compõe o no-

so acervo de nomes que remetem imediatamente aos nossos antepassados. Quem diria que a palavra Caiçó tem mais de 15 traduções, dependendo do étimo da palavra, uma razão para compreendermos que, mesmo com tantas línguas extintas, a nossa linguagem do dia-a-dia ainda está repleta de palavras que eram faladas nos primórdios de nossa colonização.

A fala potiguarês ainda remete para o idioma ancestral que se falava em nossas terras, e que está no cotidiano

dos brasileiros em vários setores de nossas vidas. Caiçó, para quem não sabe, pode ser: mulato velho, rio acalado, monte escalado, macaco esfolado, roça dos macacos, roça queimada e mato novo, entre muitas outras variações. É a surpresa, para os habitantes da moderna Natal, oferecida pelo pesquisador Manoel Procópio de Moura Júnior, em seu livro "Denominações Indígenas dos Logradouros de Natal", onde ele faz uma relação, por ordem alfabética, de todos os nomes das ruas de Natal batizadas com denominações de origem indígena. No livro, Manoel Procópio discorre ainda sobre o idioma tupi e seu relacionamento com as línguas indoeuropéias, sobre as tribos que povoaram o Rio Grande do Norte e mostra que existem versões em tupi para as letras do Hino Nacional e do Pai Nosso - consideradas excentricidades do nosso colonizador - e um adendo final sobre as praias do Estado.

Nada menos que 749 logradouros foram encontrados com denominações indígenas em natal: São avenidas, ruas, vilas, travessas, praças e bairros. Num trabalho que pode terminar sendo útil para a própria Empresa de Correios e Telégrafos, para cada

verbo, Procópio chegou a indicar a localização e dá todas as variações do termo correspondente. "O universo do índio era muito pequeno: era o mato, o rio, a lua, o sol. Eles então juntavam as palavras para designar o que queria", ensina Manoel Procópio. Ele conta que as palavras indígenas são formadas, em sua grande maioria, por dois ou mais significados, que, juntos, encerram um sentido final para a coisa.

A partir daí, Manoel Procópio passou a anotar as ruas com nomes em tupi-guarani. Percebeu que existiam muitos assim. "A maior dificuldade foi encontrar livros que traduzissem os termos", diz Procópio, que teve grande trabalho de pesquisa em livros de diversos autores. Outra descoberta foi a similaridade de algumas palavras do tupi-guarani com línguas como sânscrito, sumeriano, grego, japonês, malaio, árabe e chinês, que possuem palavras iguais e de mesmo significado. Nesse aspecto, ele estudou a teoria indoeuropéia, que relaciona os nossos índios à origem asiática - daí os olhos puxados, orientais. Essa teoria informa que há bíblicos de alguns povos veneraram o estreito de Beringe e se espalharam onde hoje está o continente americano.

Colonização contemporânea x dádiva da vida

ELIANE POTIGUARA Especial para o Radar

Povos Indígenas encontram-se em estado de alerta diante das arbitrariedades acontecidas recentemente em Roraima, na Serra Raposa do Sol, Estado de Roraima, Brasil. Casas incendiadas, famílias violentadas e necessitadas, pessoas desaparecidas e mortas em função do empresariado - a Colonização contemporânea. Essa é uma forma de racismo contemporâneo.

Há mais de 5 séculos enfrentamos a mesma situação seja no colonialismo do passado, seja nos momentos atuais. Sistemas de governos, ideologias, partidos políticos em tempo algum conseguiram mudar essa situa-

ção entre povos indígenas e interesses econômicos e políticos de alguns segmentos do empresariado brasileiro ou do grande capital.

Essa é ainda a imagem que se constrói para o Brasil? Com que cara ficaremos nas nossas visitas presidenciais, ao exterior?

Tempos atuais, conquistas farmacêuticas, tecnologias avançadas, aparatos bélicos sofisticados, era da Internet contrapondo-se à essa situação vergonhosa... Não é mais possível!

É ainda a era do avanço tecnológico contrapondo-se à fome, miséria humana e desemprego. O diálogo entre civilizações, aquilo que queremos, só atende ao "egocentrismo uni-

versal" que ensaia, certamente ao estado de violência. A radicalização dos discursos e ações sempre foram tendenciosas e somente permitidas aos grupos de interesse, o que prejudica o seu oprimido, o oprimido, o injustiçado.

A violência está instaurada em todas as letras e descaradamente à vista do cidadão nacional e internacional na cidade e no campo.

Não podemos permitir! Enquanto isso, ao longo dos séculos, temos a impressão que estamos nos embalsamando para a posteridade: nossos direitos indígenas, nossas propriedades intelectuais, nossos conhecimentos tradicionais, nossos territórios, nossos velhos, nossas velhas, nossas histó-

rias, nossas mentes... A cada ação violenta é uma "pseudo-perda" da nossa história. Exatidão de detalhamento, sendo que ao finalizar das pétalas, os pólenes estarão jazidos ao chão. Os pratinhos que são lançados e rejeitados como lixo, à terra fresca, adormecem. É a ética indígena que sobrevive na essência da terra e da Terra aflora como células que multiplicam-se aos milhões, porque essa ética é muito mais forte moral, espiritual, cultural e essencial. Ela vem da harmonia com a natureza e tudo que estiver harmoniosamente à natureza terá sobrevida para a eternidade.

A "mau'dade" humana faz parte da construção do "ego" que compete, que desrespeita, que desmoraliza, que mente

pelos poderes, em todos os níveis de pensamento. Séculos podem passar, mas o sentimento de igualdade, justiça, solidariedade, equidade social, de gênero e de raça, assim como a verdade ética se instalará definitivamente no planeta Terra. O veneno imposto a Sócrates, virará contra o feiticeiro.

Nesse olhar diacrônico, através dos séculos, vemos o quão sagrada é a dádiva da VIDA que cada um recebemos do Criador e agradecemos como os antepassados Maia. Essa gratidão pela vida, nos torna seres humanos mais éticos e o "ego" pernicioso, dominador, competidor dá lugar a expoentes construtores da paz.

www.elianepotiguar.org.br "A violação aos Direitos In-

dígenas divide famílias. O respeito às suas tradições, identidade, cosmovisão, espiritualidade e ancestralidade perpetua o AMOR entre povos e entre homem e mulher". Texto: Eliane Potiguar

ELIANE POTIGUARA é autora de "Metade Cara, Metade Máscara", Global Editora. E-mail: elianepotiguar@terra.com.br E-mail: elianepotiguar@yahoo.com.br GRUMIN/Rede de Comunicação Indígena - Rua Silva Pinto 153/401 (parte) Vila Isabel - Rio de Janeiro/BRASIL CEP: 20.551-190. Tel: 021-21-2577-5816. Celular: 031-21-9335-5551. http://groups.yahoo.com/group/literaturaindigena



Prefeitura Municipal de
TOUROS

Trabalhando pela Vontade de Todos.

TOUROS EM SINTONIA COM O FUTURO

QUEM JÁ FEZ VAI FAZER MUITO MAIS